



Anotando a China

Viagem psicanalítica ao Oriente

Edição crítica: Fernanda Sofio

Editora: Editora Unifesp, 2019

Resenhado por: Sandra Lorenzon Schaffa¹

Último livro escrito por Fabio Herrmann, *Anotando a China. Viagem psicanalítica ao Oriente* poderia ser reconhecido como a realização mais audaciosa do projeto de ir à procura da psicanálise onde não parece estar. Esta frase, aqui sublinhada, é o subtítulo de outro livro de Fabio Herrmann, *O divã a passeio*, 1992.

Em *O divã a passeio*, o autor nos fazia abandonar o terreno conhecido do consultório, conduzindo-nos em viagem, através de quatro ensaios psicanalíticos, por terrenos conceituais e geográficos não familiares: “pelo Norte da Índia, por alguma ilha do Pacífico – que é quase nenhum lugar e tempo algum – e ainda pelas margens do mar Báltico e pelas cercanias de Troia, conquanto esses dois últimos lugares apenas os visitemos através da literatura” (Herrmann, 1992, p. 7).

A trilogia *Andaimos do real*, primeiros livros, fundamentos do pensamento de Fabio Herrmann, corresponde a um trabalho de recuperação da unidade essencial da disciplina psicanalítica, em uma depuração, de um ponto de vista epistemológico, do pensamento freudiano, na qual o autor busca evidenciar a forma essencial do saber e da eficácia da clínica, de onde nasceu a ideia de ruptura de campo. *O divã a passeio* e os livros que vieram a seguir, *A psique e o eu* (1999) e *A infância de Adão* (2002), “dialogam com uma certa orla interior da invenção freudiana, onde ciência e literatura andam juntas” (Herrmann, 2002, p. 7). Encontram progressivamente os fundamentos da disciplina psicanalítica na ficção.

1 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Anotando a China. Viagem psicanalítica ao Oriente apresenta essa mesma vocação de conquista extraterritorial do psicanalista. Mas aqui já não apenas propõe ao leitor o labor de deslindar a escrita extremamente refinada, irônica, aforística, que marca o estilo do autor, que assim se esquivava à assimilação ao discurso das escolas e doutrinas psicanalíticas correntes. *Anotando a China* introduz recurso novo à imagem, à sensação. Abandonando toda intenção textual explicativa, convida o leitor a aproximar-se do domínio das artes visuais. Mas um leitor menos atento terá meios de se deixar tocar pelo alcance psicanalítico-estético dessas notas poéticas fotográficas?

Fernanda Sofio apresenta algo que é mais que uma introdução. Aceita o desafio de situar a presente obra no contexto da perspectiva psicanalítica crítica do método da psicanálise tal como o autor o concebeu. Para abordar sua obra extensa, complexa, recorre a uma estratégia particularmente feliz. Percorre três teses acadêmicas de grande fôlego voltadas para a elucidação do projeto do autor sob ângulos distintos: a tese de Marilsa Taffarel, a de Leda Herrmann e a da própria Fernanda Sofio.

A tese de Marilsa Taffarel mostra que a análise funciona, apesar do uso dogmático das escolas, pelo efeito de ruptura, não pelo seu caráter explicativo. A interpretação trabalha buscando a ampliação das brechas, das falhas de sentido, até seu completo eclipse, com a subsequente desarticulação da estrutura que sustenta uma dada trama de sentido. Fernanda estende essa definição de interpretação ao domínio da fotografia, ao explorar o entrelaçamento da psicanálise e da arte.

Sofio refere-se à análise de Leda Herrmann, que postula, como central no pensamento de Fabio Herrmann, a ideia de dupla face método/absurdo fundamentando metodologicamente o fazer clínico, e caracterizando-o como um sistema crítico-heurístico, ou seja, correspondente ao desvelamento do método psicanalítico criado por Freud. Na teoria dos campos, destaca Leda Herrmann, o desvendamento do absurdo, operado pelo método interpretativo, corresponde a revelar/abalar as regras constituintes dos diferentes campos que sustentam as representações constitutivas da realidade e identidade que condicionam o sentido humano.

Para alcançar a virada em direção à arte que *Anotando a China* realiza, Sofio recorre a sua própria tese, *Literacura*, em que evidencia o “papel da literatura de ficção no engendramento das construções teórico-clínicas psicanalíticas” (Sofio, 2015, p. 27).

Pavimentadas assim as bases da apresentação do pensamento de Fabio Herrmann, lança sua nova proposição:

A questão em *Anotando a China* deixa de ser exclusivamente se a psicanálise pode ser pensada como literária, como literatura – ou como *literacura* –, e passa a ser apresentada também visualmente. No livro que temos em mãos, o leitor se depara com séries de imagens, nem sempre evidentes de imediato, em que o narrador não pretende convencer com argumentos, mas expressar por um meio artístico o que foi, e o que é no texto, sua relação com seu outro, neste caso, com a China e o Oriente. (Sofio, 2015, p. 12)

Apoiada no que teoriza como “fotografia psicanalítica”, responde à questão “O que esse livro diz sobre a relação deste autor com a fotografia?” Observa que as imagens, principalmente em diálogo com o texto, revelam o oposto do que ele [Fabio Herrmann] chamou de “fotos de viagem”, aquelas “tiradas quando se dá as costas ao real”. Reconhece uma dimensão interpretante nas imagens oferecidas pelo autor: a fotografia tem em si algo do documento, mas com função interpretativa enquanto textos e imagens interpretantes – tramas entrelaçadas – que se interrogam e interrogam o receptor/leitor.

O livro de Fabio Herrmann, com a grande força poética de seu texto e suas imagens, propõe uma experiência inédita ao leitor: ruptura e extensão do alcance de uma obra psicanalítica. *Viagem psicanalítica ao Oriente* vem a público graças à edição crítica proposta por Fernanda Sofio. Sua análise guia o leitor por um entendimento em profundidade dessa obra em particular e de seu autor, Fabio Herrmann. O texto é fluente, sem deixar de ser complexo, exigindo um leitor preparado e interessado no universo da psicanálise e da arte. A edição primorosa conta ainda com um prefácio de Leda Herrmann e posfácios de Renato Tardivo, Lilia Moritz Schwarcz e Pedro Meira Monteiro, que dialogam, olhando de perspectivas diversas, com a obra.

Referências

- Herrmann, F. (1992). *O divã a passeio*. Brasiliense.
- Herrmann, F. (2002). *A infância de Adão*. Casa do Psicólogo.
- Herrmann, L. (2007). *Andaimos do real: a construção de um pensamento*. Casa do Psicólogo.

Sofio, F. (2015). *Literacura. Psicanálise como forma literária*. FapUnifesp.

Sandra Lorenzon Schaffa

sandralorens@gmail.com

Recebido em: 12/2/2020

Aceito em: 22/4/2020